

TEXTOS / Interlocuções

**Claudia Zimmer**

### **Diário de viagem: uma excursão em cinco tempos**

Meu olhar foi seduzido pela coloração cinza. Confesso: há muito interesse-me por nuances gris. Mas, para além de um gosto pessoal, há nesse entremeio a influência de três textos que me acompanham - belíssimos, diga-se de passagem. O primeiro refere-se à *Nota sobre o ponto cinza*, de Paul Klee. Neste, o artista esclarece que tal noção encontra-se no meio, pois é tanto a cor preta quanto a branca e, de mesmo modo, não é nem uma e nem outra. Assim, relaciona o *ponto cinza* ao eixo central de uma balança, salientando que ele é uma condição fatídica entre o que advém e o que morre, já que não consiste em pesar, ponderar e equilibrar seus pratos, e sim de fazer dele o lugar da cosmogênese. Isto é, o lugar do começo.

O segundo texto a que me refiro trata-se de *Em louvor da sombra*, de Junichiro Tanizaki. Ainda que abordando o Japão de 1933 e contrapondo-o à cultura ocidental, Tanizaki reflete acerca da importância da sombra em seu país. Dentre suas considerações, gosto especialmente quando se reporta ao brilho turvo dos aposentos pintados em distintas gradações de cinza para não perder a parca luminosidade. Gosto também quando fala dos utensílios produzidos em metal que alcançam baixa claridade com a falta de lustro, bem como dos cristais detentores de certa densidade, rejeitando o fulgor e a translucidez intensa. Na verdade, aprecio toda a vasta paleta de cinzas que imaginamos quando lemos a mencionada publicação de Tanizaki.

Por fim, e mais recentemente, tenho me debruçado sobre *Grisalha: poeira e poder do tempo*, de Georges Didi-Huberman. Referindo-se, sobretudo, a uma experiência da cor, a *grisalha* é pronunciada pelo autor como o resultado da ação do tempo sobre a cor das coisas e dos seres. Tendendo sempre para o cinzento – cor usada, segundo Didi-Huberman, para retratar o tempo em distintos períodos – a *grisalha* nada tem de neutro, haja vista que vem carregada de memória, ou seja, vem carregada daquilo que sobrevive à transição temporal. Trata-se, portanto, “[...] do tempo que passou, como uma rajada de vento, e que, ao passar, *pulverizou* (nos dois sentidos do verbo: depositar poeira e destruir) a cor das coisas.”<sup>1</sup>

É interessante perceber que, curiosamente, os três autores de que estou às voltas, ao abordar o cinza, problematizam o tempo. De mesmo modo, a dança cinzenta do vídeo que veicula na tela de meu computador faz coincidir essas duas questões.

\*\*\*

### **Cinturão de água - primeiro giro**

Aviso de tempestade: milhares de jorros de água seguem continuamente. Nascem no mesmo lugar e se espalham, se espraíam. Fluindo como um véu de chamas, esse líquido tijuco assemelha-se a um cinturão onde orbitam corpúsculos no espaço. Tal aproximação faz-me pensar se é possível traçar, livremente, paralelos entre o céu e a Terra. Faz-me igualmente pensar se é possível inverter a ordem das coisas. Arrisco-me a dizer que sim, depois que o artista falou: "as nuvens são rios aéreos". Se for assim, então o mar é o céu abaixo? E embaixo do céu (que é o mar) é a terra novamente?

### **Compossível - segundo giro**

O vídeo a que assisto apresenta-se como um dispositivo que faz recuar o tempo, mas que de maneira idêntica manifesta o presente. Sendo *grisalha*, mostra a um só instante a correnteza, que leva consigo os seixos polidos pela ação da água e a vegetação rasteira. Dois animais lado a lado estendem-se diante desse espetáculo. No entanto, como diria

---

<sup>1</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. **Grisalha: poeira e poder do tempo**. Lisboa: Ymago Ensaio Breves, 2015. E-book.

Michel Serres<sup>2</sup>, a vida da grama é breve se comparada à dos animais, a vida dos animais é curta se confrontada à das pedras. Apesar disso, sobrevivem perpetuamente na duração temporal.

### **Começo pelo meio - terceiro giro**

O tempo é tão escorregadio quanto a água. Ele escapa, mas se presentifica no espaço aberto da paisagem. E o artista não tem conhecimento disso, ele não tem consciência do rio que traz ritmos distintos de erosão. A consciência aqui é artista e rio complicados, integrados num só. Eis a verdadeira paisagem: uma relação entre - *o ponto fatídico entre o que advém e o que morre*. Sim, a paisagem começa no interstício. Em consequência, não há urgência em ocupar o que é fluvial (e pluvial), o que há é a procura de pontos de encontro. Por isso, se "o rio nunca é", o artista nunca é. Eles se encontram e são na imersão.

### **Carta meteorológica - quarto giro**

A dinâmica que vejo/ouço prevê um clima turbido, cujo marulho em contrabaixo acústico faz ecoar uma atmosfera soturna e suspensa que surge do vento-areia. Anúncio do início ou do fim do tempo? Coexistência e inconsciência do tempo lá fora, provisório e simultâneo. Existiria uma expressão para descrever esse alto grau de arrebatamento? Talvez, "paisagem" seja a resposta. Dessa maneira, os quatro elementos rodopiam, revolvem e envolvem, assim como o som é capaz de fazer. Variações do tempo. Agitação desejada.

### **Lugar *entre* - quinto giro**

Mas quando foi que o artista começou esta expedição? Creio que não tenha sido quando resolveu percorrer o rio. Sua origem, pelo que entendi, data de incursões iniciais no processo químico da fotografia. Transitando nessa zona *entre*, aproxima as duas práticas: elaborar imagens, com todos os procedimentos aí envolvidos, e se deslocar. Com isso, junta

---

<sup>2</sup> A segunda parte deste texto traz em alguns momentos pensamentos motivados pelos de Michel Serres.

geografias, diminui distâncias e (des)acelera o tempo, afinal, é ele quem inventa essas aproximações, ainda mais quando apressa o curso de uma pedra em direção ao mar. Ao fazer isso, inverte também os papéis nos dando os motivos para a viagem. É nesse vai e vem que a passagem se torna "cíclica e perpétua". Nesse lugar branco, abre-se o espaçamento necessário à prática de todos os cinzas possíveis.

Vi e revi inúmeras vezes o *RIVER FILM*, de Helder Martinovsky<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> As citações entre aspas e sem referência foram proferidas pelo próprio artista.